

A literatura de cordel no ensino de História: reflexões teóricas e orientações metodológicas

Jairo Carvalho do Nascimento¹ - UESC

1. Introdução

Ensinar é uma arte. Hoje, o professor precisa dominar muito bem seu ofício, desenvolver determinadas habilidades. A sociedade atual oferece uma diversidade de ferramentas ou recursos didáticos audiovisuais aos educadores, uma variedade de linguagens como o cinema, a TV, a fotografia, a música, por exemplo. Ademais, oferece outros tipos de linguagens como o jornal (impresso), revistas e todo tipo de literatura, em prosa e verso. Dentre os tipos de linguagem literária, destacamos a literatura de cordel, objeto de análise do presente artigo, que, ao nosso ver, é muito pouco utilizada na sala de aula, mesmo no Nordeste, apesar de possuir uma riqueza imensa, tanto poética quanto documental.

Em vista disso, o professor de História precisa ser polivalente, do ponto de vista metodológico, isto é, possuir um conhecimento básico quanto ao uso adequado de cada recurso didático que se encontra a nossa disposição. No entanto, a realidade não é, ainda, das melhores.

O ensino de História apresenta um grau elevado de tradicionalismo. *A lousa*, o *giz* e o *livro didático* – a “santa trindade” da prática tradicional – compõem a realidade do ensino no país. Nesse quadro, o livro didático ganha um papel especial em virtude de ser o maior referencial de trabalho dos professores. O que se questiona não é o seu uso em si, mas a maneira como o professor trabalha seus conteúdos em sala de aula². Deve ser encarado, o livro, como um ponto de apoio, um ponto de partida para iniciar discussões e promover debates, por exemplo, não como um fim em si mesmo, como normalmente é usado: um texto de caráter sagrado e imprescindível, portador de uma verdade absoluta acerca da realidade histórica. Em outras palavras, eles (“a santa trindade”) constituem-se nos únicos instrumentos de trabalho de milhares de professores³.

Soma-se a essa postura didática a *aula puramente expositiva*, aquela em que prevalece a narração de informações por parte do professor e a distância abissal existente entre ele e os alunos, separados por aquilo que chamo de “fronteira do saber”: o docente como dono da verdade, detentor do conhecimento, cria naturalmente uma fronteira entre ele e seus alunos, aos quais cabe ouvir, e interferir o quanto menos em suas aulas.

No entanto, “nem tudo está perdido”. Nas últimas duas décadas, as discussões e propostas inovadoras de trabalho promovidas por profissionais da área, em torno da prática do ensino de História, avançaram satisfatoriamente: a luta heróica dos historiadores e professores contra a disciplina e o curso de Estudos Sociais ao longo da década de 1980, promovida pela ANPUH; as diversas experiências de atividades didáticas executadas por profissionais comprometidos com a mudança qualitativa de seu ofício; as contribuições legadas pelas propostas e orientações da série de eventos *Perspectivas do Ensino de História*⁴; diversas publicações, entre livros e artigos de periódicos, que visavam repensar e orientar a prática docente. Todo esse esforço mostra que estamos no caminho certo. “Repensar” o ensino é a palavra de ordem do momento.

Nesse sentido, como trabalhar com documentos em sala de aula, particularmente a literatura de cordel ? Quais os caminhos metodológicos necessários para se trabalhar com cordéis ? Vejamos, a seguir, algumas considerações que podem contribuir para ampliar o debate em torno dessas questões.

2. A literatura de cordel em sala de aula

A literatura de cordel, narrativa poética construída em versos, surgiu na Europa. Foi trazida para o Brasil pelos portugueses, no século XVII. Em terras brasileiras, desenvolveu-se na região Nordeste, onde surgiram as primeiras tipografias no final do século XIX. Os pioneiros nesse tipo de expressão poética foram Leandro Gomes de Barros, Francisco das Chagas e João Martins de Athayde, principais nomes da primeira metade do século XX⁵. Seus objetos de inspiração poética são variados, versam desde temas do imaginário

medieval (histórias de reis, príncipes e princesas, de dragões, de animais encantados etc.) até assuntos reais da história do Brasil e do mundo.

O cordel encanta, informa e, acima de tudo, ensina. História de Lampião e do cangaço, da Guerra de Canudos, do Presidente Getúlio Vargas, por exemplo, fazem parte do seu acervo temático. Os conteúdos desses folhetos instruem o povo a partir da visão dos cordelistas. Os folhetos são documentos importantes para o professor usar nas aulas de História; devem ser explorados tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, com a perspectiva de discutir aspectos da sociedade brasileira tal qual um filme, uma fotografia, uma matéria de jornal etc.

A historiografia, ao longo século XX, ampliou seus horizontes teórico-metodológicos. Em parte, pela própria reflexão dos historiadores diante do seu ofício e, por outro lado, o diálogo com as ciências humanas, que Fernand Braudel defendia como sendo extremamente necessário o contato com “(...) *cada um dos grandes sectores das ciências do homem*”⁶, contribuiu para a construção de “um novo olhar” em que novos objetos e novas abordagens emergiram no campo da investigação histórica. Nesse contexto, inevitavelmente, a noção de documento adquiriu novo “status”, em oposição à noção positivista que considerava as fontes oficiais como as únicas dignas de validade. Isso, mesmo antes de se consolidar o “movimento” da *Nova História*, liderado por Jacques Le Goff na década de 1970, na França, visto que, um dos fundadores da Escola dos Annales, o historiador francês Marc Bloch, já apresentava pioneiramente sua definição ampla: “*Tudo quanto o homem diz ou escreve, tudo quanto fabrica, tudo em que toca, pode e deve informar a seu respeito*”⁷.

Essa renovação historiográfica, que começa no campo da pesquisa atinge, em seguida, o ensino de História. E uma contribuição, ao mesmo tempo uma exigência, é valorizar qualquer tipo de linguagem em sala de aula; não se prender ao livro didático e à aula puramente expositiva. Os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam essa necessidade para a Educação Básica de modo geral, com o objetivo de que os alunos sejam capazes de conhecer e interpretar diversos tipos de linguagens, como podemos

perceber no nível do Ensino Médio: *“Crítico, analisar e interpretar fontes documentais de natureza diversa, reconhecendo o papel das diferentes linguagens, dos diferentes agentes sociais e dos diferentes contextos envolvidos em sua produção”*⁸.

Trabalhar com documentos em sala de aula significa promover um ensino cuja finalidade é democratizar o processo de ensino-aprendizagem, no sentido de que o conhecimento histórico não é algo pronto e acabado, mas uma construção edificada coletivamente em sala de aula: *“Isso pode ajudar o aluno a desenvolver o espírito crítico, reduzir a intervenção do professor, e diminuir a distância entre a história que se ensina e a história que se escreve”*⁹.

Nesse sentido, a literatura de cordel pode ser usada por professores quanto qualquer outro documento. Uma observação pertinente: o tratamento metodológico estará condicionado às especificidades de cada documento, ou seja, o tratamento que se dá a um filme não é o mesmo para uma música. Dito isso, quais os procedimentos metodológicos para se trabalhar adequadamente com a literatura de cordel nas aulas de História ? Consideramos quatro importantes passos no processo de ensino-aprendizagem:

O primeiro passo é a crítica documental. O professor deve elaborar, sistematicamente, uma quantidade significativa de questionamentos ao cordel em foco, para que ele nos dê as respostas necessárias aos nossos objetivos, visto que todo documento é uma “roupagem”, uma “montagem”, como afirma Jacques Le Goff, sendo imprescindível ir muito além de sua aparência e descortinar seus discursos implícitos e explícitos¹⁰. O documento deve nos dar subsídios, informações e dados acerca do autor, do seu referencial ideológico e do contexto social ao qual está inserido. E trabalhar com documentos requer uma atenção especial por parte do docente, seja estagiário ou professor experiente com anos de docência. Seja qual for o documento, é preciso lê-lo e relê-lo quantas vezes forem necessárias, para que o professor sinta segurança em discuti-lo com seus alunos.

Após essa fase, o segundo passo consiste no planejamento da aula, um dos elementos importantes no processo de ensino-aprendizagem. O planejamento é, na verdade, um dos alicerces de uma boa aula. Por isso, é imprescindível redigir um plano de

aula numa linguagem clara e objetiva e entregá-lo aos alunos, evidenciando os objetivos a serem alcançados, os conceitos a serem trabalhados, os meios metodológicos para atingir tais objetivos, a forma de avaliação e a apresentação do (s) documento (s), com um breve resumo contendo informações básicas sobre a fonte, bem como os questionamentos elaborados pelo professor para discutir o documento. Nunca é demais ressaltar que o folheto deve estar, intrinsecamente, vinculado ao conteúdo programático da unidade escolar¹¹.

O terceiro passo é a comparação e o confronto de documentos (contemplado no plano de aula). Este é um procedimento teórico-metodológico interessante: abordar o mesmo tema a partir de duas visões antagônicas, em que cada cordelista apresenta a própria visão dos fatos e acontecimentos. Escolhemos a figura de Lampião e o cangaço para exemplificar nosso argumento, a partir de dois cordéis¹². No primeiro, *Virgulino Lampião, grande mito do Nordeste*, Leandro T. Pereira exalta romântica e demasiadamente a figura de Lampião, mostrando uma boa imagem do cangaço. Na sua opinião, ele foi um dos “três grandes brasileiros”, ao lado de Zumbi dos Palmares e Antônio Conselheiro. No seu folheto, Lampião aparece como um homem justo, defensor dos pobres e um inimigo cruel dos ricos, um homem coerente com os códigos de honra e moral do sertão (matava por vingança, em virtude do assassinato de seu pai). No segundo, *Zé Baiano, vida e morte*, Manoel de D’Almeida Filho, por sua vez, narra a história do cangaceiro de Lampião que praticava atos de extrema crueldade, particularmente contra as mulheres, nos povoados por onde passou. Zé Baiano ferrava mulheres (no rosto, nas coxas, nas nádegas e um pouco acima da vagina, de acordo com o “crime praticado”) com um ferrão-de-boi (tinha suas iniciais, JB) por causa de um cabelo curto, de uma roupa considerada devassa ou de uma infidelidade feminina, num mundo marcado pelo poder do homem. Essas atitudes desumanas, selvagens e insanas eram aprovadas por Lampião, que pretendia impor “a ferro e a fogo”, literalmente, uma conduta moral e normas de comportamento para as mulheres no sertão¹³. A idéia, enfim, nesse ponto, é apresentar visões díspares de um mesmo fato para incentivar a discussão e o debate.

O quarto passo é articular o documento com o livro didático e tentar, se possível, com a realidade do aluno. O professor deve comparar a visão dos cordelistas com o conhecimento histórico do livro didático para ver se há semelhanças e diferenças entre as interpretações. A comparação com o universo social do aluno pode ser facultativa. Mas, se a aula for ministrada em uma cidade nordestina por onde Lampião passou, vale a pena solicitar aos alunos, previamente à atividade, que pesquisem como a memória local constrói a imagem de Lampião. Para isso, pode pedir que os alunos conversem com os habitantes que tiveram contato com o grupo de cangaceiros (hoje, talvez, um pouco raro) ou com pessoas que ouviram histórias de seus pais e avós. Estaríamos, assim, mostrando aos alunos que a história não se conta apenas no livro didático ou pelas páginas do cordel, mas está viva na memória de homens e mulheres.

Diante desses passos metodológicos, vejamos, agora, uma das sugestões (modelo básico, que pode ser adaptado de acordo com os objetivos da aula) de como utilizar a literatura de cordel nas aulas de História, particularmente com alunos do quarto ciclo do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, a partir dos dois cordéis citados anteriormente: *Virgulino Lampião, grande mito do Nordeste* e *Zé Baiano, vida e morte*.

Plano de Aula - Trabalhando com documentos (Literatura de Cordel)¹⁴

- 1. Conteúdo:** O fenômeno social do cangaço na Primeira República
- 2. Objetivos:** Desenvolver nos alunos a capacidade de analisar e interpretar documentos; identificar semelhanças e diferenças nos discursos sobre Lampião e o cangaço, presentes nos folhetos de cordel.
- 3. Conceitos:** Banditismo Social – Ideologia
- 4. Metodologia:** Formação de grupos; leitura dos folhetos de cordel; debate em torno das questões propostas (item 6 – Análise textual)
- 5. Avaliação:** Análise das respostas escritas e participação no debate
- 6. Apresentação dos documentos - Documento 1 – *Virgulino Lampião, grande mito do Nordeste*.** Escrito por Leandro T. Pereira, em 1998. Nasceu na Bahia, no município de

Candeal, em 29 de fevereiro 1952. Com esse cordel, o autor conquistou o terceiro lugar no *Concurso Nacional da Literatura de Cordel Sobre Lampião*, promovido pela Universidade Estadual de Feira de Santana, em 1998. Atualmente, vende seus próprios folhetos em frente ao Mercado Modelo, em Salvador; Documento 2 – *Zé Baiano, vida e morte*. Escrito por Manoel D’Almeida Filho, em 1988. Nasceu na Paraíba, em 13 de outubro de 1941. É considerado um dos maiores cordelistas de todos os tempos, com dezenas de folhetos publicados. Sua maior obra versa sobre o cangaço, *Os cabras de Lampião*.

7. Análise textual¹⁵

1. Identificação do documento (crítica externa/perguntas básicas aos documentos): tipo de documento ?; título do documento ?; autores dos documentos ?; data de publicação dos documentos ?; temática central do texto (assunto principal) ?
2. Análise do documento (crítica interna): Qual o “tom” da “fala” do Leandro Pereira ? E do Manoel Filho ?; Qual a imagem que o *Documento 1* faz de Lampião e dos cangaceiros ? E o *Documento 2* ? Há alguma semelhança, quanto ao discurso, entre os documentos ? Compare os documentos com o conteúdo do livro didático: diferenças/semelhanças ?

3. Uma breve conclusão

O conhecimento histórico não é um dado único, definitivo; ao contrário, é uma interpretação, uma construção, edificada por indivíduos e grupos sociais de acordo com seus interesses pessoais e coletivos. No cotidiano da sala de aula, o trabalho com documentos pode transformar o conhecimento histórico, a partir das discussões entre professores e alunos, em *saber histórico escolar* e a *problematização*, conforme salienta muito bem Maria Auxiliadora Schmidt, é a chave de tal transição¹⁶.

Ao usar a literatura de cordel enquanto documento, o professor estará, de forma direta, evidenciando aos alunos que as visões e as representações contidas nos folhetos de cordel são condicionadas pela ideologia dos autores; ao mesmo tempo, oportuniza aos alunos o desenvolvimento da reflexão, da atividade crítica; por fim, o professor contribuirá, nesse contexto didático-pedagógico, para o que Rafael Ruiz chama de “edificar o próprio

ponto de vista”, ou seja, o aluno, construindo conceitos, levantando problemas, estabelecendo relações entre realidades (tempo/espaço) históricas diferentes¹⁷.

¹ Prof. de *Estágio Supervisionado de História* da UESC (Ilhéus - Bahia). Mestre em História Social pela UFBA.. E-mail: jairo@uesc.br ou jairocanudos@ig.com.br.

² Para mais detalhes sobre esse assunto ver BORGES, Vavy Pacheco [et al.]. *Ensino de História: revisão urgente*. São Paulo: EDUC, 2000 (especialmente a Primeira Parte, p. 31-44).

³ Para uma discussão sobre livros didáticos na área de História ver os seguintes livros: BALDISSERA, José Alberto. O livro didático de história: uma visão crítica. Porto Alegre: Evangraf, 1994; e DIEHL, Astor Antonio (org.). *Livro didático e o currículo de História em transição*. 2 ed. Passo Fundo, RS: UPF Editora, 2002.

⁴ Foram realizados, até hoje, cinco encontros de amplitude nacional, reunindo professores da Educação Básica, do Ensino Superior, bem como diversos profissionais da área de Educação: o primeiro e o segundo foram realizados em São Paulo, na USP, em 1988 e em 1996, respectivamente; o terceiro em Curitiba, na UFPR, em 1999; o quarto em Ouro Preto, na UFOP, em 2001; e o quinto no Rio de Janeiro, na UERJ, em 2004.

⁵ Sobre estudos acerca da literatura de cordel no Brasil ver as seguintes obras: CAVIGNAC, Julie. *La littérature de colportage au Nord-Est du Brésil: de l'histoire écrite au récit oral*. Paris: CNRS Éditions, 1997; CURRAN, Mark. *História do Brasil em cordel*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001; SANTOS, Muzart Fonseca dos. *La littérature de cordel au Brésil: mémoire des voix, grenier d'histoires*. Paris: L'Harmattan, 1997. Em virtude da delimitação do presente artigo, não esboçamos uma reflexão teórica acerca da literatura de cordel, como o seu aspecto ideológico, por exemplo. Deixaremos tal empreendimento para outra oportunidade.

⁶ BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais*. Tradução de Rui Nazaré. 5 ed. Lisboa: Presença, 1986. p. 120.

⁷ BLOCH, Marc. *Introdução à História*. 3 ed. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1976. p. 61.

⁸ *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Ciências humanas e suas tecnologias*. Brasília: MEC, SEMT, 1999. v. 4. p. 55.

⁹ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. A formação do professor de História e o cotidiano da sala de aula. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2002. p. 54-66. p. 62.

¹⁰ LE GOFF, Jacques. Memória-História. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. p. 95-106. v 1. (Documento/Monumento)

¹¹ GRILLO, Maria Ângela de F. A literatura de cordel na sala de aula. In: ABREU, Martha & SOIHET, Raquel (orgs.). *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 116-126.

¹² PEREIRA, Leandro T. *Virgulino Lampião, grande mito do Nordeste*. Lauro de Freitas, BA: Edição do Autor, 1998; FILHO, Manoel D'Almeida. *Zé Baiano, vida e morte*. São Paulo: Luzeiro, 1988. A historiografia sobre Lampião e o cangaço é vastíssima. Apontamos, nesse amplo campo de pesquisa, os seguintes trabalhos: CHANDLER, Billy Jaynes. *Lampião, o rei dos cangaceiros*. Tradução de Sarita L. Barysed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; JASMIN-GRUNSPAN, Elise. Lampião, bandit d'honneur: images de part et d'autre. *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, n. 23, p. 165-190, set. 1994; MELLO, Frederico Pernambucano de. *Os guerreiros do Sol*. Recife: Massagana, 1982. QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Notas sociológicas sobre o cangaço. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 27, n. 5, p. 495-516, maio 1975; SINGELMANN, Peter. Political structure and social banditry in Northeast Brazil. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge University Press, v. 7, part. I, p. 59-83, may. 1975.

¹³ Sobre essa questão, as relações de gênero e a construção do poder do homem na sociedade, dentre outros trabalhos teóricos ver BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

¹⁴ Em anexo ao plano de aula, deve seguir os documentos digitados, transcritos literalmente dos originais. Nessa atividade, o cordel de Leandro T. Pereira pode ser usado na íntegra, em virtude de ser um texto pequeno: 8 páginas, com 32 estrofes. Já o cordel de Manoel D'Almeida Filho, por ser extenso, 31 páginas com 148 estrofes, deve ser usado apenas partes significativas do documento, particularmente àquelas que se chocam com a visão do outro texto.

¹⁵ Nessa parte, apresento, apenas para exemplificar, algumas questões que podem ser elaboradas a partir dos dois cordéis. As perguntas específicas a cada documento ficarão a critério do professor, de acordo com os objetivos de sua aula.

¹⁶ SCHMIDT, Maria Auxiliadora. História: construindo a relação conteúdo método no ensino de História no Ensino Médio. In: KUENZER, Acacia Zeneida (org.). *Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 203-230.

¹⁷ RUIZ, Rafael. Literatura: novas formas de abordar o ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 75-91.